

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
IGOR MADUREIRA DE ASSIS

**O PAPEL ESSENCIAL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
PREVENÇÃO DE AFOGAMENTOS**

Goiânia

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
IGOR MADUREIRA DE ASSIS

**O PAPEL ESSENCIAL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
PREVENÇÃO DE AFOGAMENTOS**

Trabalho apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciada em
Educação Física pela Universidade Federal
de Goiás, sob orientação da Professora
Jéssica De Moura Pereira.

Goiânia

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O PAPEL ESSENCIAL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
PREVENÇÃO DE AFOGAMENTOS

Trabalho apresentado para obtenção
do título de Licenciada em Educação
Física pela Universidade Federal de
Goiás, sob orientação da Professora
Jéssica Moura Pereira.

Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.

Goiânia, fevereiro de 2016

Jéssica de Moura Pereira

Prof/a. (orientador/a) ou Prof/a.Coordenador/a de Curso)

RESUMO

Este trabalho objetiva evidenciar o papel essencial do profissional de Educação Física na prevenção de afogamento. Ao pesquisar mais profundamente sobre afogamento, prevenção e salvamento, ficou clarividente a necessidade de que essa temática seja abordada durante o curso de graduação em Educação Física. A reorganização curricular da disciplina Natação/Práticas Corporais Aquáticas com a incorporação do conteúdo “Afogamento, Prevenção e Salvamento” foi uma das soluções encontradas para que seja alterado o número alarmante de mortes por afogamento. O professor de Educação Física que egressa da academia com a consciência de que a prevenção é a ferramenta de maior eficácia na luta contra afogamentos e de que a educação é o caminho para que esses dados sejam alterados traz consigo a responsabilidade social de trabalhar as técnicas e as estratégias de prevenção, de desenvolver atividades próprias da natação utilitária e de ensinar prática de autossalvamento e salvamento aquático a todos os que buscarem a natação como forma de lazer ou esporte. Essas atitudes implicariam desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao professor de Educação Física para atuar com Natação, surgimento de uma pedagogia específica para o seu ensino. Embora a solução ideal para a redução dos índices de afogamento seja a democratização do acesso à prática educativa de natação, sabe-se que essa estratégia, ainda, é um grande desafio.

Palavras-Chave: Afogamento – Salvamento – Prevenção – Natação – Profissional de Educação Física.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. A NATAÇÃO AO LONGO DOS SÉCULOS.....	8
3. SALVAMENTO AQUÁTICO.....	10
4. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DO AMBIENTE AQUÁTICO.....	14
5. O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A NATAÇÃO.....	17
6. A NATAÇÃO INTEGRADA À PRÁTICA ESCOLAR.....	20
7. INTERVENÇÕES DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO DE AFOGAMENTOS.....	21
8. METODOLOGIA.....	26
9. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
11.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

Em 2008, ainda adolescente, quando finalizara o Ensino Médio, optei por iniciar a vida acadêmica em nível superior em universidade pública e estatal, acreditando que nela receberia uma formação que me ajudasse tanto no desenvolvimento de competências necessárias para principiar uma vida profissional quanto no meu desenvolvimento psíquico-humano-social. Esse é um tempo de muitas dúvidas e muitos questionamentos, pois se tem que definir novos rumos para uma vida que deve agora considerar realidade que, até então, era para mim subjetiva – o mercado de trabalho.

Sendo assim, a Universidade Federal de Goiás (UFG) era, pois, a certeza que tinha ao considerar imprescindível a educação com qualidade. No entanto, o mais difícil estava por vir...a escolha do curso. Não há muito tempo nem mesmo tempo suficiente para uma tomada de decisão que me garantisse futuramente a realização pessoal e a profissional. Aliás, garantias me parecem não ser tão concretas nos dias de hoje... Escolhi o curso de Educação Física.

Obviamente, as críticas em relação à minha escolha não demoraram: “Você vai cursar, no mínimo, quatro anos para se formar professor? Por que você não escolhe um curso que lhe dê estabilidade financeira? Você não vê que no Brasil a educação não é valorizada?” São alguns depoimentos que exemplificam os desafios que, desde o início, a mim foram impostos.

Sem conseguir ainda contra-argumentar em favor da minha escolha, mas muito motivado com as possibilidades que me eram despertadas pelos meus sonhos, pela minha tenra idade e pela minha proximidade com os esportes, insisti. Fiz o meu primeiro e único vestibular na UFG para cursar Educação Física...fui aprovado e tomado pela vaidade socialmente construída por ser aluno de uma universidade federal!

No início, o que mais me empolgou foram as aulas práticas: ludicidade, diversão, alegria; mas confesso que ainda não tinha consciência de que era esse o caminho que queria trilhar... Ginástica, natação, vôlei, futebol, dança

são exemplos de práticas que muito me divertiram e me ajudaram a desenvolver habilidades e competências físico-social-psíquicas como resistência, potência, agilidade, velocidade, limites estruturais, interação corpórea, diversidade sociocultural, consciência cidadã, tensão e relaxamento, atenção, percepção sinestésica, satisfação lúdica, confiança... Nesse exato momento, começou o meu processo de tomada de consciência. Percebi que, por meio do curso de Educação Física, eu mesmo desenvolvera habilidades e competências que ajudavam a me formar enquanto pessoa e profissional e a solidificar o meu estar no mundo, a minha relação comigo mesmo, com o outro e com o meio.

O curso deixava, assim, de ser uma empolgação para se tornar um compromisso pessoal e social com a formação de pessoas mais inteiras, mais íntegras, mais saudáveis, mais felizes e comprometidas com a transformação de si mesmas e do mundo. Agora, havia tomado consciência da minha responsabilidade na construção de um mundo mais democrático, com igualdade e justiça social. Mais que isso...havia acreditado que essa transformação dar-se-ia somente por meio da Educação, com fundamental papel do professor de Educação Física.

Hoje, ao fazer a retrospectiva do meu (con)viver acadêmico, seguramente afirmo que a minha maior motivação ao escolher o curso de Educação Física foi a necessidade de viver com “gentes”, vivenciá-las e intervir positivamente em sua formação. É, literalmente, a fórmula que encontrara para contribuir com a formação humana numa perspectiva integral, respeitando e valorizando sua diversidade e pluralidade.

Certo de que minha relação com as “gentes” é mais substantiva que retórica, posso, agora, responder aos questionamentos que me foram feitos inicialmente...consigo dialogar dialeticamente sobre os vários porquês que rodeiam todos os profissionais da Educação que se comprometem com as “gentes”, principalmente, as “gentes” invisíveis. Conheço o porquê de a Educação não ser valorizada no Brasil; o porquê de o professor ser desvalorizado financeira e socialmente; o porquê de as escolas públicas estarem sem condições físico-estruturais; entre vários outros porquês... É

mister dizer que, embora conheça os porquês, não concordo com eles e me posiciono absolutamente favorável, no mínimo, à valorização docente, ao empoderamento do professor, ao investimento público na escola pública.

Tendo consciência de que, por meio da Educação Física, adquirei formação humanizadora, não poderia ficar alheio ao número alarmante de mortes por afogamento, apresentado pela Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático (SOBRASA) no Boletim Brasil intitulado “AFOGAMENTOS O que está acontecendo?”.

Segundo esse boletim, o afogamento é uma das doenças de maior impacto na saúde e na economia do mundo, sendo ocasionado pela aspiração de líquido, que posteriormente leva o indivíduo a um quadro de insuficiência respiratória caso não haja a interrupção deste processo. No Brasil, o afogamento é uma das principais causas de morte entre crianças, jovens e adultos. Em 2012, as estatísticas estimaram que o afogamento representara a segunda causa de morte entre crianças de um a nove anos de idade, a terceira causa morte entre nas faixas etárias de 10 a 19 anos e a quarta entre adultos de 20 a 25 anos. Nesse mesmo ano, aproximadamente, 6.369 brasileiros (3.3/100.000 habitantes) morreram afogados. (SOBRASA, 2014, p. 7).

O impacto desses dados somado à conclusão do documento de que a ferramenta de maior eficácia na luta contra os afogamentos é a prevenção e de que a ocorrência dos incidentes aquáticos pode ser, drasticamente, reduzida com educação e aulas de natação justificam a escolha do tema desta monografia, “O papel essencial do profissional de Educação Física na prevenção de afogamentos”.

O acesso ao aprendizado da natação está, infelizmente, ligado às condições socioeconômicas da população assim como a incidência dos afogamentos é também proporcional a essa condição, dado apresentado no documento da SOBRASA. (SOBRASA, 2014, p. 15)

Democratizar o acesso à prática educativa da natação é um desafio grandioso, pois se faz necessário que alguns problemas sejam reconhecidos, tais como: a inclusão da natação como prática obrigatória ao currículo da Educação Física escolar; a elaboração de políticas públicas educacionais que

garantam estrutura física para o seu ensino teórico-prático; além de campanhas educativas do Estado para convencer a população de que essa prática corpórea urge expandir-se para além da elite, configurando-se uma prática verdadeiramente inclusiva, o que comunga com as teorias progressistas da educação, base teórica a ser utilizada nesse trabalho.

Por conseguinte, este estudo tem como objetivo principal desvelar a importância do profissional de Educação Física na prevenção de afogamento. Para alcance desse objetivo, traço uma linha de pesquisa que se inicia com a apresentação da natação como atividade espontânea e natural do ser humano, sua evolução e seus benefícios. Abordo, também, as temáticas de afogamento e salvamento. Para, então, contextualizado nesse conteúdo, discutir a importância e o papel social do professor de Educação Física, as estratégias educativas para o ensino da natação, a importância do aprendizado sobre “Afogamento, Prevenção e Salvamento” no curso de graduação em Educação Física.

Considerando os propósitos deste trabalho é possível caracterizá-lo como um estudo descritivo e exploratório, pois utilizamos a pesquisa bibliográfica para melhor compreensão dos conhecimentos necessários à construção de habilidades e competências inerentes ao papel que será desempenhado pelos profissionais de Educação Física que atuam no ensino da natação, e também apresentamos uma análise de dados a partir dos questionários aplicados aos professores de natação. O objetivo dessa pesquisa é desvelar a importância e a necessidade de conhecimentos sobre prevenção e salvamento no dia a dia desses profissionais. Segundo Vergara (2000), “a pesquisa exploratória é realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado ou sistematizado”.

2. A NATAÇÃO AO LONGO DOS SÉCULOS

A natação caracteriza-se pela ação intuitiva e antiga, assim como a própria humanidade, praticada por comunidades primitivas que exploravam o ambiente aquático com objetivos diversos, buscando fugir de predadores e

inimigos, garantindo a sua sobrevivência e, até mesmo com o intuito de se divertirem. A literatura que trata sobre o tema é concordante ao afirmar que essa atividade física traduz-se pelo movimento alternado ou simultâneo de braços e pernas, permitindo o deslocamento dentro da água (CATTEAU e GAROFF, 1990, p. 21).

Analisando essa prática como atividade espontânea e natural, logo, sem preocupação com a técnica, a ação de nadar significa deslocar-se equilibradamente no meio aquático, conseguir se deslocar na água de forma segura por intermédio da coordenação metódica de certos movimentos, conforme conceitua Sobolev e Fomtchenko (1995). Mas, dos primórdios até os dias de hoje, o homem evoluiu assim como evoluíram os meios de deslocamento e de sobrevivência dentro da água.

A natação chegou a ser considerada pré-requisito fundamental na formação de jovens gregos. Platão, filósofo grego, afirmara que “todo homem culto deve saber ler, escrever e nadar”. Outro exemplo clássico são os soldados romanos que utilizavam a natação como atividade terapêutica para amenizar as dores ou atrofias musculares em virtude dos pesados exercícios físicos que faziam nos treinamentos para a guerra. A natação atendia os requisitos para levar o homem ao aprimoramento pessoal e não à prática esportiva. Somente na Idade Moderna, em pleno século XVII, a natação começou a ser considerada esporte (CATTEAU e GAROFF, 1990).

Segundo Santana (2003), “a natação é um exercício de autopropulsão e autossustentação no meio líquido. Para que ele seja realizado, há de se considerar as características do ambiente onde o exercício é praticado”. Assim, é perceptível a ideia reforçada pela autora de que quando o ambiente é terrestre as atividades tendem a exigir um maior esforço dos membros inferiores que são destinados à propulsão, no meio líquido, entretanto, ocorre uma maior requisição dos membros superiores enquanto propulsores. A respiração também sofre alterações significativas, visto que no ambiente terrestre a inspiração é nasal (reflexa) e a expiração é passiva, quando adentrarmos o meio líquido nossa inspiração passa a ser automatizada e acontece pela boca, enquanto a expiração passa a ser ativa e ocorre pelo nariz, boca ou nariz e boca.

Somadas ao aspecto físico-humano, as propriedades físicas da água - densidade, viscosidade, empuxo, pressão hidrostática e hidrodinâmica - promovem, também, algumas vantagens no que diz respeito às atividades físicas realizadas no meio líquido em detrimento à terrestre, como, melhoria do retorno sanguíneo devido à pressão exercida sobre os corpos imersos, aumento da resistência devido à viscosidade da água, o que promove uma melhora do condicionamento físico e a redução do peso corporal promovida pela diferença de densidade existente entre o líquido e o corpo. Os efeitos fisiológicos proporcionados pela água são amplos e envolvem respostas cardíacas, respiratórias, renais e musculoesqueléticas (SANTANA, 2003).

(Re)conhecer as características físicas e os mecanismos fisiológicos do corpo, bem como as propriedades físicas da água é essencial ao trabalho de adaptação do indivíduo ao meio aquático, pois favorece o desenvolvimento de habilidades de sustentação e deslocamento de maneiras variadas. Como, inicialmente, a natação era praticada em mar aberto ou em rios, a principal preocupação dos adeptos era a sobrevivência. Por conseguinte, o desenvolvimento de habilidades natatórias permitiu que os indivíduos se mantivessem fora do risco de afogamento, o que corrobora a afirmação de Santana (2003, p.17): “Nadar é muito mais que um esporte: significa ter maiores opções de lazer, condições de se defender em meio aquático e auxiliar na preservação da vida de outras pessoas”.

3. SALVAMENTO AQUÁTICO

É sabido que são inúmeras as causas que tornam os usuários do meio aquático suscetíveis ao afogamento: imprudência, imperícia, negligências, mal súbito, condições físicas não favoráveis (que podem ocasionar paradas cardíacas e respiratórias), câibras, acidentes em embarcações, entre outras. O socorro, nestas ocasiões, é fundamental para que haja interrupção e impedimento dessas fatalidades.

A prevenção é a melhor estratégia para minimizar a trágica realidade apresentada pela SOBRASA que afirma morrerem 18 pessoas afogadas

diariamente no Brasil. Logo, “a ferramenta de maior eficácia na luta contra os afogamentos é a prevenção”. (SZPILMAN, 2014, p.7)

No Brasil, o gasto econômico estimado, no período de 2008 a 2011, no socorro às vítimas de afogamento chega a 6 bilhões e 300 milhões de reais, segundo o Boletim da SOBRASA, 2014. Cada afogamento custa, em média, R\$ 210.000,00. Precisa-se considerar a afirmação de Szpilman (2014, p. 6)

Embora com todos os dados assustadores em nosso país, a mortalidade por afogamento vem declinando no Brasil nos últimos 34 anos (1979-2012) em número absoluto e mais importante em número relativo (óbitos/100.000 habitantes) conferindo uma redução no número de óbitos e no risco de incidentes aquáticos da ordem de 39% (SZPILMAN, 2014, p.6).

Feitas essas observações sobre a avaliação socioeconômica dos afogamentos, retomar-se-á a tônica do salvamento. O serviço de salvamento surge a partir dos óbitos por afogamento de marinheiros náufragos no século XVII; já as técnicas de salvamento são consideradas recentes se analisada a forma organizacional. (Szpilman, 2014, p.7)

No artigo “História do Salvamento Aquático no Mundo”, Szpilman afirma que:

Por volta de 1900, a Cruz Vermelha Americana e o “YMCA” (Sociedade Cristã de moços) iniciaram esforços juntos para reduzir o número de afogamentos ensinando aos americanos a nadar e salvar uns aos outros quando em perigo na água. Esta campanha de treinamento em natação e salvamento, com um enfoque em piscinas e praias interiores, cresceu e atingiu âmbito nacional e permanece como um dos pilares da prevenção até os dias de hoje. (SZPILMAN, 200[.])

Guaiano (2005) afirma

Em 1914, no Brasil, foi registrado um número alarmante de afogamentos, o Comodoro Wilbert E. Longfellow, sensível diante dessa realidade, funda o serviço de Salvamento da Cruz Vermelha Americana no Rio de Janeiro, cujo objetivo era oferecer treinamento a guarda-vidas voluntários que atuariam em postos de salvamento nas praias do Rio de Janeiro e em outras praias privadas desse atendimento no país. Insatisfeito com os resultados, o Comodoro decide adotar uma campanha, em nível nacional, difundindo o seguinte slogan: “Toda pessoa deve saber nadar e todo nadador deve saber salvar”.

Esses foram os primeiros passos para a história da prevenção de afogamentos e do salvamento aquático no Brasil. A partir daí, foram muitas as ações que ajudaram a concretizar a complexa função de salvamento aquático e ora essas ações se apresentam em sequência cronológica, conforme o fez Guaiano, em seu artigo “Elementos Históricos da Prevenção do Afogamento no Brasil”:

Data	Ação
1914	Funda-se, na Capital da República do Brasil - Rio de Janeiro, o Serviço de Salvamento da Cruz Vermelha Americana.
1917	Cria-se, pelo Decreto nº 1143, o Corpo Auxiliar de Salvamento (CAS) – RJ.
1939	O atendimento médico é associado ao serviço de salvamento, sob subordinação do Departamento de Assistência Hospitalar do Distrito Federal.
1959	O judô aquático é incorporado ao serviço de salvamento de afogados.
1960	A capital transfere-se para Brasília.
1961	O Posto Ismael de Gusmão - RJ passou a ser subordinado ao Departamento de Segurança Pública.
1962	Criam-se Centros de Recuperação de Afogados (CRA).
1963	Cria-se o Corpo Marítimo de Salvamento (CMS) – RJ.
1975	O Serviço de Busca e Salvamento da Marinha – SALVAMAR liga-se ao Departamento Geral de Defesa Civil.
1980	Cria-se o Grupamento Marítimo - GMar, pela Lei de Organização Básica do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (CBRJ) .
1983	Inicia-se a formação da primeira turma de Guarda-Vidas do CBRJ, sob coordenação do Major Nilton de Barros Junior. Os recém-formados guarda-vidas do CBRJ apresentam-se ao Diretor do CMS.
1984	Organiza-se o primeiro grupo de Instrutores de Salvamento Aquático do CBRJ.

	O CBRJ assume as competências e atribuições do CMS. O Comandante-Geral do CB, pela Portaria nº 002, ativa o GMar como Unidade Operacional.
1985	Finaliza o primeiro Projeto Botinho realizado pelo GMar.
1987	Realiza-se o Estágio de Salvamento no Mar para os empregados lotados no Serviço de Salvamento Marítimo do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro.
1989	Chegam ao RJ os primeiros Bombeiros Militares de outros Estados do Brasil para participarem do Curso Especial de Salvamento no Mar do GMar.
1995	Funda-se a Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático – SOBRASA.
1999	O CB de Cabo Frio inicia o Projeto Palestras nas Escolas para tratar sobre o tema Prevenção e Salvamento Aquático. O Comandante do CB da Área do Interior, Coronel William Selmo Pena Guimarães, autoriza a realização do Projeto Salva Surf.
2002	Forma-se a primeira turma de mulheres para a função de guarda-vidas.

Fonte: (Guaiano, 2006, pp. 3-4)

Ratifica-se que, embora a prevenção de afogamentos, por meio do ensino da natação e também por campanhas educativas, seja imprescindível, registra-se aqui a necessidade e a importância de profissionais qualificados para fazerem o salvamento aquático (SZPILMAN, 2014).

De acordo com a apostila “Salvamento Aquático”, utilizada pelo Centro de Formação, Aperfeiçoamento e Especialização do Curso de Formação de Praças/2007 da Secretaria de Defesa Social do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Alagoas - CBMAL, “salvamento aquático é o conjunto de ações desenvolvidas no meio líquido, tendo por objetivo a prevenção e/ou a pronta atuação para o resgate de vítimas em iminente perigo de vida” (CBMAL, 2007, p. 4).

Apesar de reconhecer que o Corpo de Bombeiro realiza ótimo trabalho de salvamento aquático, defende-se aqui que o papel essencial do professor de Educação Física na prevenção de afogamentos. Nesse sentido, afirma Correia e Nunes (2014, p.8)

Apesar do reconhecimento do serviço prestado pelo Corpo de Bombeiros, tanto na prevenção como na atuação nos casos de afogamentos, existe a necessidade de uma ampliação de medidas preventivas e mitigatórias visando a diminuição dos acidentes ocorridos no meio aquático. Esses objetivos podem ser trabalhados tendo como campo de conhecimento a educação, podendo ser transmitida pelos professores de educação física nas aulas de natação. Correia e Nunes, 2014, p.8

No resgate aquático, Szpilman alerta, em artigo cujo título é AFOGAMENTO (texto para guarda-vidas e profissionais da área aquática), que o cuidado inicial deve ser a segurança de quem faz o salvamento, pois o socorrista não pode virar uma segunda vítima. Afirma, também, que caberá ao socorrista avaliar as condições da vítima: alerta, se na superfície ou submersa, lesões aparentes; as condições da água: visibilidade, temperatura, profundidade, substâncias tóxicas, risco de choque elétrico, água em movimento; e recursos disponíveis: número de pessoas para ajudar no salvamento, treinamento, habilidade.

4. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DO AMBIENTE AQUÁTICO

A natação é uma prática corporal realizada em ambiente aquático, caracterizada pela ação de membros superiores e inferiores que atuam conjuntamente, buscando possibilitar o deslocamento dos indivíduos contra a resistência oferecida pelo meio. Assim, o professor de Educação Física, que conhece as características físicas do meio aquático, planeja suas aulas visando ao aperfeiçoamento da execução motora do nadador por meio de técnicas mais eficazes.

Para Gabilan et. al. (2006, p.25)

“a compreensão das propriedades físicas da água e das alterações fisiológicas do corpo em imersão bem como a análise do movimento humano no meio líquido são conhecimentos fundamentais para planejar as atividades aquáticas que garantam benefícios ao corpo daquele que busca a natação com a finalidade de adquirir condicionamento físico, praticar esporte, recrear-se, reabilitar-se. (GABILAN, 2006, p.25)

Sendo assim, a compreensão dos princípios hidrostáticos (densidade, empuxo, pressão hidrostática), hidrodinâmicos (resistência/viscosidade) e termodinâmicos é imprescindível para a aplicação de exercícios em meio líquido.

Densidade: a água é, aproximadamente, oitocentas vezes mais densa do que o ar. Esse princípio exige que a musculatura do corpo trabalhe mais para executar movimentos em ambiente aquático.

Densidade	Resistência ao Movimento	Capacidade Térmica	Condutividade Térmica
830 vezes maior	1.214 vezes maior	3.400 vezes maior	23 vezes mais alta

QUADRO 03 – Qualidade da água em comparação ao ar Fonte: BIRKNER e ROSCHINSKY, 1999.

Flutuação ou Princípio de Arquimedes (Empuxo): para Gabilan (2006), a flutuação é responsável pela diminuição do estresse gravitacional; trata-se de uma força que age de cima para baixo e que atua contra a gravidade. Assim, um objeto imerso aparenta menor peso na água do que em terra, proporcionando uma diminuição da carga sobre as articulações sustentadoras durante o exercício físico.

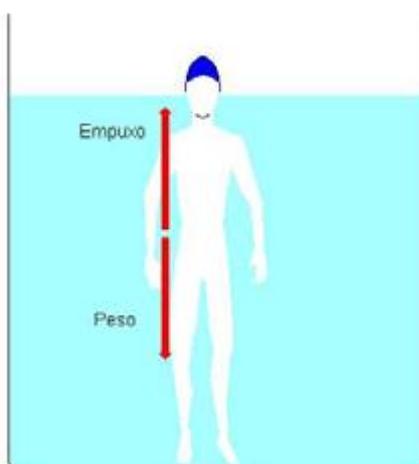


Figura 1. Diagrama de forças na flutuação do corpo de um nadador na vertical.

Pressão (Lei de Pascal): a Lei de Pascal estabelece que a pressão do fluido é exercida igualmente sobre todas as áreas de um corpo imerso a uma dada profundidade. É a pressão hidrostática, que aumenta com a

profundidade e com a densidade do fluido. (Gabilan, 2006). Isso significa que quanto maior a profundidade e a densidade de um líquido maior a pressão exercida sobre esse corpo; conseqüentemente, a pressão hidrostática contribui para o exercício por meio da estimulação periférica, fortalecendo a musculatura respiratória.

Viscosidade ou resistência do fluido: Essa propriedade está intimamente vinculada ao conceito de atrito, que é a resistência que um meio oferece ao movimento de um corpo. Tal propriedade é o resultado da interação das moléculas do corpo com as do meio que o cerca. Assim, a interação das moléculas da água com as do corpo nela imerso gera uma força resultante que dificulta o movimento do corpo, causando resistência ao seu movimento. A viscosidade de um líquido é inversamente proporcional ao aumento da temperatura. Assim um aumento de temperatura reduz a viscosidade do líquido, fazendo, por exemplo, que, piscinas aquecidas apresentem menor viscosidade que piscinas frias. Ou seja, piscinas aquecidas apresentam menor resistência ao movimento, e isso é muito importante para que o professor possa dosar a carga de treinamento do exercício físico ali praticado. A viscosidade depende ainda da velocidade do movimento realizado no meio fluido, sendo maior à medida que ela aumenta. Assim o professor pode controlar a potência do exercício controlando seu ritmo e velocidade.

Temperatura: Os efeitos térmicos da água dependem da sua temperatura em relação aos corpos nela imersos. A termodinâmica garante que a energia térmica (Calor) flui espontaneamente do corpo mais quente para o corpo mais frio. Assim por exemplo, se a água esta mais fria que a temperatura do corpo humano ela servirá, durante um exercício físico, para refrigerar tal corpo trazendo um maior controle térmico. As trocas de calor nesse caso ocorrem por dois processos físicos, a saber: Condução, que é troca direta de calor com a água por contato físico, e convecção que ocorre pelo movimento da água ao redor

do corpo, pois nesse caso a água mais fria tende a descer enquanto mais quente tende a subir criando uma espécie de corrente ao redor do corpo.

Conhecer as características físicas do ambiente aquático é fundamental para o planejamento eficaz de atividades que atendam ao objetivo proposto pelo professor de natação. Durante a sua formação acadêmica, o professor de Educação Física apropria-se de conhecimentos que devem ser utilizados de forma integral na sua atuação profissional. Portanto, cabe ao professor de natação conhecer cada um dos princípios físicos da água (hidrostáticos, hidrodinâmicos e termodinâmicos) e a aplicabilidade dos exercícios que têm melhor eficiência para o seu aluno.

5. O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A NATAÇÃO

A Educação Física surge como prática pedagógica, no final do século XVIII e início do século XIX, na Europa, a partir da necessidade da nova sociedade em consolidação – a sociedade capitalista. Essa sociedade necessitava de um novo homem que fosse capaz de produzir riqueza a partir das forças de seu próprio corpo. Juntamente com os exercícios físicos, os cuidados higiênicos com o corpo também pertenciam à Educação Física Castellani et al. (2009).

Segundo Castellani et al. (2009, p. 51), no livro “Metodologia do Ensino de Educação Física”:

A preocupação com a inclusão dos exercícios físicos nos currículos escolares remonta ao século XVIII com GuthsMuths (1712-1838), J.B. Basedow (1712-1778), J.J. Rousseau (1712-1778) e Pestalozzi (1746-1827). Contribuiu para essa inclusão o surgimento, na Alemanha, das Escolas de Ginástica (Turnvereine) já no século XIX.

A Educação Física nas escolas aparece para desenvolver e fortalecer física e moralmente os indivíduos, pois a construção identitária de sua pedagogia fora calcada também nas normas e valores próprios da instituição militar.

Com o tempo, o currículo da Educação Física teve predominância do esporte no sistema escolar, sendo irradiada pelo sentido de eficiência, eficácia que é transpassado pelo esporte, em nível de autorrendimento e, ainda hoje, traz essa marca. Quando o ensino é voltado para o produto, aspectos como o desenvolvimento individual e etapa da habilidade do nadar, idade, seus interesses particulares e possibilidades físicas não são levados em conta, o que pode tornar na maioria das vezes o processo de ensino-aprendizagem da natação em algo desinteressante e monótono. Embora haja uma tendência de que se desenvolva nas escolas a educação física escolar (CASTELLANI et al. 2009).

A Educação Física Escolar propõe trabalhar a prática esportiva além da perspectiva do desporto, mas fazer do esporte um meio para que o aluno experimente e desenvolva valores agregados às atividades, como, por exemplo, prazer, autoestima, cooperação... outra característica dessa nova pedagogia é tratar os temas da cultura corporal (CASTELLANI et al. 2009).

Na perspectiva da Educação Física Escolar, o trabalho do professor de Educação Física pressupõe o desenvolvimento integral do aluno, buscando dar atenção a todas as dimensões humanas, com equilíbrio dos aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais. Para desenvolver esse trabalho, é mister profissionais com conhecimento técnico-científico, compromisso ético e com graduação específica: o professor de Educação Física (GUARÀ, 2006).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 prevê que todo o professor deverá ser graduado em nível superior; levando em consideração essa legislação, pode-se afirmar que a necessidade de formação em nível superior no curso de Educação Física inclui também os profissionais que exercerão a função de professores de natação. Essa exigência caracteriza-se um ganho tanto no âmbito da educação escolar quanto da própria sociedade.

Durante décadas, o ensino da natação ficou sob responsabilidade de profissionais que possuíam habilidades específicas nessa área. Sendo assim, indivíduos que tinham a oportunidade de vivenciar as práticas aquáticas obtendo, assim, o domínio das técnicas e também do próprio meio líquido,

tornavam-se ‘professores de natação’, desprezando com isso a necessidade do embasamento teórico que se adquire na formação acadêmica no curso de Educação Física. Até pouco tempo, atletas que estavam há anos praticando e competindo certa prática esportiva obtinham também aptidão para ministrarem aulas. Consequentemente, o “saber fazer”, o domínio de gestos técnicos exclusivos da prática destacavam-se em detrimento à prática pedagógica adquirida durante a graduação em nível superior. Hoje, nota-se que essa prática não deixou de existir, mas se tem menos notícias a cada dia que passa, em decorrência da fiscalização dos profissionais licenciados.

O ato de educar é uma práxis educacional em que se encontram a mistura da bipolaridade dos saberes de competências teóricas e das habilidades práticas e não podendo desprezar esse foco. Nesse contexto, tratar-se-á como instrutor o indivíduo responsável pelo ensinamento dos temas e conteúdos relacionados à Educação Física e como professor o que toma por base a práxis nos processos de ensino e de aprendizagem da Natação e busca promover a autonomia do aluno no ambiente aquático. Assim afirma Paulo Freire (1996, p. 59) “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um dever imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.”. Temos que ter consciência de promover autonomia a todas as esferas e classes sociais da sociedade, sem haver separação e privilégios de conteúdos sistematizados e predeterminados para o ensino técnico dos quatro estilos da prática esportiva competitiva, por professores e gestores da educação.

Se se fosse perguntado quem é o professor de natação hoje? Responder-se-ia que é um professor habilitado em Educação física, consciente de seu exercício, com formação pedagógica, psicológica e técnica. Um professor que compreende a educação como forma de intervenção no mundo e que pode, por meio do ensino, minimizar os dados alarmantes de mortes por afogamento no Brasil. Como afirma Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (2009, p.111):

“Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma

tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Para que a educação não fosse uma forma política de intervenção no mundo era indispensável que o mundo em que ela se desse não fosse humano.” (FREIRE, 2009, p.111)

6. A NATAÇÃO INTEGRADA À PRÁTICA ESCOLAR

Embora a defesa dessa monografia seja a educação como a forma mais efetiva de diminuir o alto índice de mortalidade por afogamento no Brasil, é fato que a natação, nas escolas brasileiras, ainda, é uma utopia, principalmente na rede pública. Uma das razões que justificam tal afirmação é por ser essa prática muito elitista; outra é a falta de condições estruturais das escolas públicas.

Mesmo em se tratando de um país continental, banhado por águas; mesmo sabendo que a natação é prática de fundamental importância para a formação humana; mesmo tendo aumentado, na Literatura, os benefícios da atividade aquática para o desenvolvimento humano; mesmo sendo alarmante o número de mortes por afogamentos, a natação é muito pouco desenvolvida em cena educacional nacional.

Diante do cenário existente, percebe-se que a alteração do quadro exigirá vontade política, planejamento estratégico-financeiro, elaboração de metodologia própria para o ensino da natação, reestruturação do espaço físico das escolas públicas, reformulação curricular tanto em nível básico quanto em nível superior. Logo, defende-se aqui que exista o ensino da natação ofertado a todos os que frequentam a educação básica, pois se acredita ser essa a principal arma de prevenção de acidentes/incidentes aquáticos. (Szpilman, 2014)

O ensino da natação, até o momento, restringe-se ao domínio técnico dos quatro principais estilos da natação competitiva: crawl, peito, costas e borboletas; geralmente é oferecido em academias, o que denota o seu caráter elitista, uma vez que a frequência requer pagamento de mensalidade quase sempre não acessível às famílias da classe popular, público de atendimento prioritário nas escolas públicas.

Romper com o ensino técnico e elitista da natação para poder intervir socialmente, alterando os índices de morte por afogamento já apresentados nesse trabalho, é o propósito desse item. Como diz Freire, em *Pedagogia da Autonomia*:

“Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível: É saber fundamental da prática educativo-progressista: mudar é difícil, mas é possível.” “A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho.” (FREIRE, 2009, p. 79):

Não há muita pesquisa pedagógica na área da didática da natação: pesquisas, estudos aprofundados sobre o quê, como, o porquê, para quê e a quem ensinar, são fundamentais para a construção de nova metodologia para o ensino da natação que abranja, para além da técnica, as várias dimensões do conhecimento e também do ser humano.

7. INTERVENÇÕES DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO DE AFOGAMENTOS

Conceber os afogamentos apenas como fatalidades não é admissível, trabalhar em favor da prevenção e atuar nos casos de afogamentos ou demais incidentes no meio aquático urge. E nesses casos, o professor de Educação Física exerce uma função fundamental, pois ele é responsável pelas instruções de segurança aos seus alunos, devendo estar sempre atento e preparado para auxiliá-los a enfrentar uma situação de perigo.

De acordo com Guaiano (2004), em estudo realizado com profissionais da Educação Física graduados e graduandos, observou-se que 80% dos entrevistados consideram o Salvamento Aquático um nado com dimensões utilitárias; porém 90% não conseguiam indicar qualquer obra de natação de importância para o Salvamento Aquático. Uma das hipóteses para o alto índice de inabilidade desses profissionais é a falta de estudos científicos acerca do tema em questão.

Em outro trabalho de Guaiano (2005), dos profissionais de Educação Física, 95% gostariam de realizar cursos na área de Afogamentos e

Salvamento. Esse dado poderá ser útil para a adesão dos professores em programas educacionais sobre Salvamentos Aquáticos na graduação ou na vida profissional.

Os afogamentos são muito comuns em crianças, principalmente, menores de 10 anos (SZPILMAN, 2012), faixa etária que compreende a idade ideal para começo da natação na perspectiva de aprendizagem dos procedimentos de autossalvamento e salvamento aquático dentro das aulas de natação. Corrêa e Massaud (2003) afirmam categoricamente que uma criança de 3 anos não está preparada para o ensino dos quatro nados, nem para competição, contudo o aprendizado da natação nesta faixa etária pode evitar vários acidentes no meio líquido.

Apesar de as técnicas de sobrevivência não serem comuns nas aulas de natação, os estudantes as praticam facilmente, podendo o professor usar métodos lúdicos para sua aprendizagem. Em artigo monográfico, VASCONCELOS e SANTOS, (2004) afirmam que “esses achados sugerem que o ensino do autossalvamento pode colaborar na prevenção de afogamentos na medida em que gera confiança no aluno para permanecer mais tempo flutuando em situação de risco de vida”.

A flutuação ou a sustentação na água necessita ser adquirida pelo aluno como forma de sobrevivência por meio de treinamentos específicos. De acordo com Palmer (1990, p. 214):

A flutuação é definida como estar dentro da água sem mover-se para nenhum dos lados, os membros movimentam-se relaxados criando um impulso para cima, auxiliando a manutenção da flutuação do nadador. Esta habilidade pode ser classificada como sendo uma das habilidades essenciais de sustentação e segurança na água.

De acordo com Santana (2003), a flutuação de costas, em que o nadador coloca sua face fora da água, quando bem feita pode ser utilizada em caso de cãibra e facilita a respiração quando se está cansado realizando o menor movimento possível.

Machado (1978) considera que o treino para o salvamento deve incluir o equilíbrio dentro da água verticalmente, usando as pernas e os braços; nadar de costas com os braços paralisados e pernadas do nado crawl; nadar de

costas com um só braço e as pernas em tesoura; e nadar de lado com um só braço. Essas estratégias, quando ensinadas e aprendidas, podem evitar incidentes/acidentes aquáticos e salvar vidas.

O papel do professor de Educação Física é trabalhar por uma pedagogia da natação que ultrapasse o ensino técnico e competitivo, assumindo a prevenção como principal forma de evitar afogamentos. É essencial que todos esses professores tenham esse entendimento e fundamental que, aqueles que optarem pela atuação na área de natação, conheçam e ensinem as técnicas de autossalvamento e salvamento aquático. Não aceitar que o afogamento permaneça compreendido como acidental ou trágico é lutar por seu ofício, é lutar por novas estratégias pedagógicas no ensino da natação, e, por fim, é lutar por vidas...tendo a certeza de que, a partir de sua intervenção, os dados de mortalidade por afogamento podem ser positivamente alterados.

8. RELAÇÃO ENTRE PREVENÇÃO E NATAÇÃO

Há uma estreita relação entre prevenção de afogamentos e a atividade profissional do professor de Educação Física que atua com o ensino da natação. Embora haja uma escassez de produção científica nessa área, os questionários aplicados aos professores de natação confirmam a importância e, até mesmo, a necessidade desses profissionais de conhecer sobre a temática da prevenção e salvamento aquático.

Esse dado apenas ratifica os resultados apontados por Guaiano (2005), em seu artigo “Relação Cursos de Extensão Universitária e Salvamento Aquático na Prevenção do Afogamento”:

Em 1998, aconteceram cerca de 1,3 milhões de afogamentos no Brasil e nenhuma pesquisa foi destinada para verificar se cursos de extensão universitária em salvamento aquático (CEUSA) contribuiriam para prevenção do afogamento. [...] Da amostra (n=10), 50% Homens e 50% Mulheres, com idade entre 19 e 45 anos. 60% eram graduandos e cursavam o quinto período do curso de EF. Dos graduados, 10% eram pós-graduandos em fisiologia do exercício. 80% tiveram aulas de SA junto ao programa da disciplina natação. Todos trabalhavam ou desenvolviam atividades com natação. 100% relataram ser importante obter o mínimo de noções básicas em SA, contudo durante horário de trabalho e antes do curso de graduação,

nunca tiveram nenhuma experiência com o SA. Nenhum deles jamais desenvolveu trabalhos com SA, nem em clubes, academias, condomínios ou outros, mas um atualizava-se. 80% consideraram o SA pertinente à dimensão elementar do nado utilitário. 90% não conseguiram indicar nenhuma obra de natação significativa para aulas de SA. 100% avaliaram ser importante o CEUSA e ressaltaram que pela especialização poderiam contribuir para difusão dos métodos de auxílio às pessoas afogadas. 100% destacaram que CEUSA maximizariam a qualidade do serviço profissional do professor de EF, que trabalha com natação. (Guaiano, 2005, p.1)

A atuação do professor de Educação Física na prevenção de possíveis incidentes de afogamento poderá alterar os dados de mortalidade no país, pois a conscientização da população, seja por meio de do papel social cumprido pelos profissionais que atuam no planejamento e aplicação de aulas de natação em escolas, clubes, academia e iniciação esportiva, seja por meio de eventos e palestras interdisciplinares, é fundamental. (Correia e Nunes, 2014, p.3)

De acordo com Palmer (1990), “tanto o professor como o aluno possuem responsabilidades relacionadas principalmente com a segurança nas atividades aquáticas, pois, quando não se tem o devido respeito com a água ela pode ser fatal”. Assim sendo, todos os que dominam o meio aquático devem estar sempre alerta e aptos para agir em caso de emergência. A responsabilidade de todos é com a vida, pois cada instante é muito significativo durante a ocorrência de um afogamento. Szpilman (2012) enfatiza que “todo o processo de afogamento, da submersão a parada cardíaca, pode durar de segundos a alguns minutos”.

Ensinar os conteúdos de segurança em meio líquido é, pois, uma estratégia pedagógica que garantirá ao aluno, por meio do ensino da natação, a habilidade de autossalvamento, o que o ajudará a prevenir acidentes em situações adversas. Obviamente que o ensino da natação principiará sempre com o conceito de adaptação e prevenção e serão respeitadas as características individuais do aluno. Para Corrêa e Massaud (2004), a natação “é importante como exercício de desenvolvimento do corpo, como meio de defesa contra afogamentos ou em operações de salvamento”.

Existem estratégias pedagógicas a serem desenvolvidas em aulas de natação que podem auxiliar na prevenção de afogamentos. Com o objetivo de

trabalhar a prevenção de afogamentos, o professor de Educação Física pode elaborar inúmeras atividades lúdicas para suas aulas de natação. Ludicidade aqui compreendida “como uma experiência interna do sujeito que a vivencia” (LUCKESI, 2005). Sendo assim, a ludicidade é uma experiência para todos os seres humanos, independente de idade, pois a atividade lúdica propicia a plenitude da experiência. Para Luckesi (2005, p.2)

O que a ludicidade traz de novo é o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena. Com isso, queremos dizer que, na vivência de uma atividade lúdica, cada um de nós estamos plenos, inteiros nesse momento; nos utilizamos da atenção plena, como definem as tradições sagradas orientais. Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis. (LUCKESI, 2005, p.2)

Por isso que aulas de natação com atividades lúdicas, atendendo obviamente a dimensão do desenvolvimento do grupo de alunos nadadores e ao objetivo da aula, devem ser planejadas e ministradas com consciência e intencionalidade. São exemplos de atividades de natação que se utilizam do nado utilitário para ensinar técnicas de autossalvamento e salvamento aquático: deslocar-se de uma borda a outra, seja em decúbito ventral, dorsal ou lateral, com ou sem apoio; nados cooperativos: em duplas, trios; cachorrinho; crawl com a cabeça fora da água; peito com a cabeça fora da água; técnicas de flutuação em decúbito ventral e dorsal.

Para cada fase de desenvolvimento do ser humano, há objetivos diferenciados na natação a serem alcançados. Crianças de até 6 anos, por exemplo, devem ser desenvolvidas atividades que estimulem a ambientação e a adaptação ao meio; o controle respiratório; a socialização; o equilíbrio; a imersão e a flutuação; a propulsão. Para as crianças de 6 a 12 anos, são pertinentes atividades que favoreçam a aprendizagem e o aperfeiçoamento técnico dos quatro nados: crawl, costas, peito e borboletas; e que desenvolvam habilidades motoras aquáticas: saltos, palmateios, saídas e viradas.

As atividades a serem desenvolvidas com os jovens e os adultos dependerão das suas experiências com o meio aquático. Logo, todos os

objetivos descritos para as crianças de 6 a 12 anos poderão ser traçados para esse grupo. As atividades devem se ligar ao objetivo proposto, além da preocupação com o condicionamento físico.

O professor ao planejar a aula de natação deve conhecer o seu aluno, traçar o objetivo, conhecer o conteúdo a ser ministrado, criar estratégias para desenvolver esse conteúdo, providenciar os materiais pedagógicos necessários e avaliar o seu trabalho.

8. METODOLOGIA

Por considerar os propósitos deste trabalho - evidenciar e revelar o papel essencial dos profissionais de educação física na prevenção de afogamentos - caracterizá-lo-emos como estudo descritivo e exploratório, pois utilizamos a pesquisa bibliográfica para melhor compreensão dos conhecimentos necessários à construção de habilidades e competências inerentes ao papel que será desempenhado pelos profissionais de Educação Física que atuam no ensino da natação, e também apresentamos uma análise de dados a partir dos questionários aplicados aos professores de natação. O objetivo dessa pesquisa era desvelar a importância e a necessidade de conhecimentos sobre prevenção e salvamento no dia a dia desses profissionais. Segundo Vergara (2000), “a pesquisa exploratória é realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado ou sistematizado”. Essa característica aplica-se ao nosso trabalho, pois há escassez de referências teóricas que coincidam com o objetivo desta pesquisa, sendo Szpilman o autor referência no assunto.

Inicialmente, pretendia-se aplicar os questionários a um grupo de aproximadamente 25 profissionais, porém devido ao curto tempo e dificuldade em encontrar professores de natação que se dispusessem a responder aos questionários, participaram da pesquisa apenas quinze sujeitos, graduados em Educação Física ou estagiários, que, atualmente, atuam na área de natação. A escolha desses profissionais atendeu a critérios previamente estabelecidos: formados ou estagiários no curso de graduação de Educação Física; em

atuação, direta (professores) ou indireta (estagiários), em aulas de natação. O levantamento de dados foi realizado em academias e em escolas de Educação Básica.

Foram construídas cinco questões abertas que objetivavam responder às seguintes proposições: tempo de atuação como professor de natação; conhecimento sobre a prevenção de afogamentos durante a formação acadêmica; conhecimento sobre instruções de salvamento aquático durante a formação acadêmica; preocupação em transmitir informações sobre prevenção de afogamentos e salvamento aquático aos alunos de natação e vivência de nados utilitários nas aulas de natação.

Com a aplicação desse questionário busca-se possibilitar a validação da hipótese levantada de que os egressos dos cursos de Educação Física no curso de Educação Física necessitavam de aperfeiçoamento acerca dos temas que envolviam a prevenção do afogamento através do ensino da natação, visando à qualificação e/ou à capacitação profissional para atuação nos diversos ambientes de trabalho.

9. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O instrumento utilizado para a coleta de dados durante a pesquisa foi o questionário. No primeiro momento, registrou-se o perfil dos participantes – nome, sexo e formação acadêmica; posteriormente, foi apresentado o questionário, composto por cinco perguntas que abrangiam as temáticas: natação utilitária, afogamentos, prevenção e salvamento, durante o curso de graduação em Educação Física e durante as aulas ministradas pelos entrevistados.

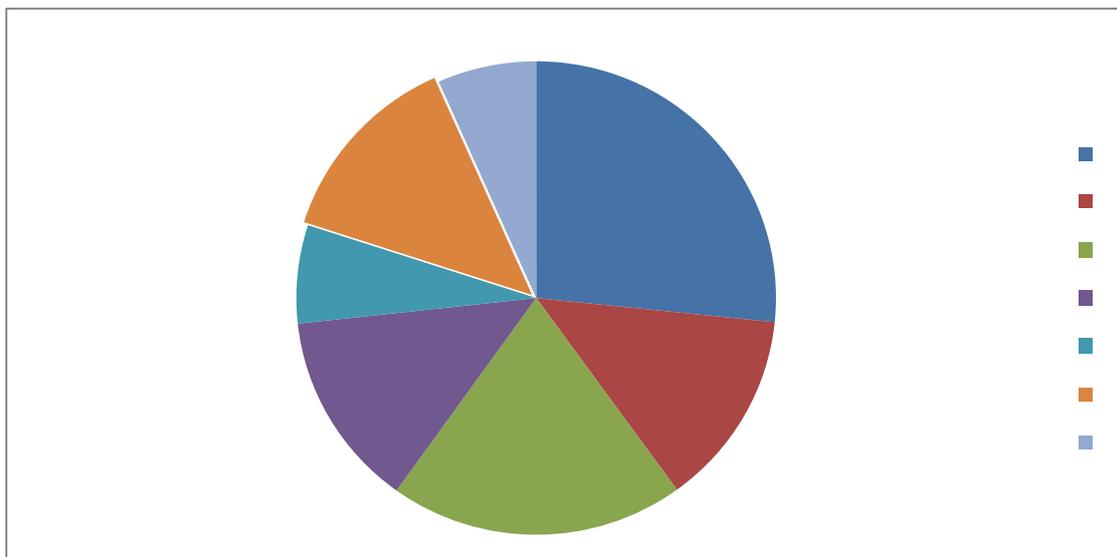
Os questionários foram aplicados no período de um mês, entre dezembro de 2015 e janeiro de 2016, sendo direcionados a um público composto por quinze pessoas; desses dez eram professores de natação formados em Educação Física e cinco estagiários em processo de formação inicial em nível superior. O campo de atuação desses profissionais eram academias e escolas públicas.

Os questionários visavam, de maneira ampla, verificar o conhecimento acerca do ensino da natação utilitária como forma de prevenir afogamentos; a capacitação do profissional; se os entrevistados realizam mediações sobre o tema em seus respectivos ambientes de trabalho e como o tema é abordado em suas aulas.

As categorias a serem analisadas foram assim definidas:

- Quanto ao tempo de atuação como professor de natação;
- Quanto ao conhecimento sobre a prevenção de afogamentos durante a formação acadêmica;
- Quanto ao conhecimento sobre instruções de salvamento aquático durante a formação acadêmica;
- Quanto à preocupação em transmitir informações sobre prevenção de afogamentos e salvamento aquático aos alunos de natação;
- Quanto à vivência de nados utilitários nas aulas de natação.

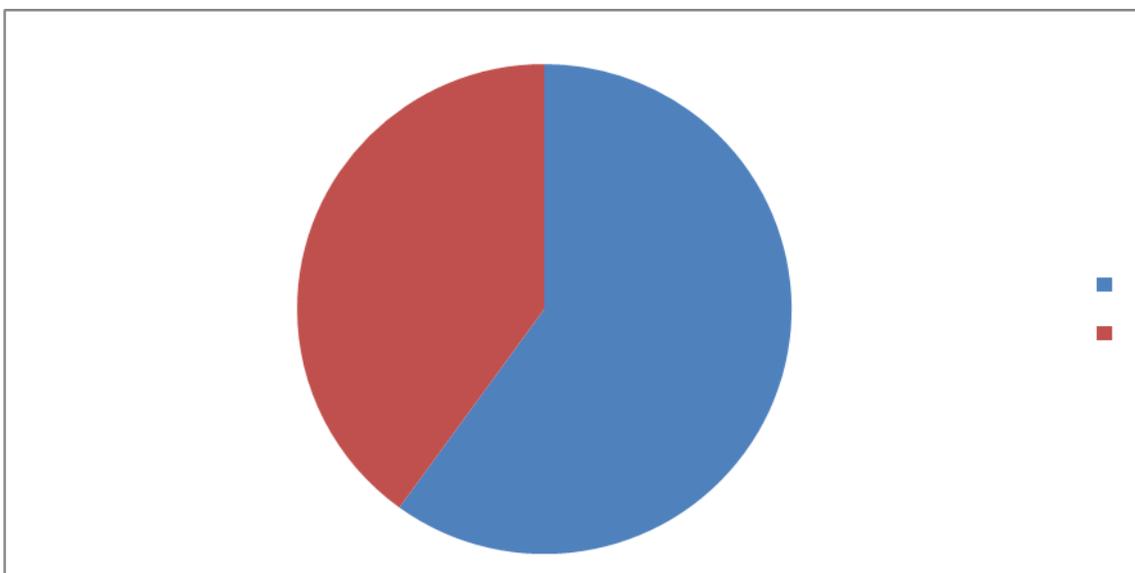
1. Quanto ao tempo de atuação como professor de natação



Dos profissionais entrevistados 60,1% têm até dois anos de atuação como professores de natação; os demais apresentam maior tempo de profissão, tendo o mais experiente deles 14 anos de atuação na área. Uma das

inferências possíveis na análise desses dados é que as academias que ofertam natação optam por selecionar profissionais sem experiência, pois podem oferecer salário mais baixo se comparado àqueles que tem curso de capacitação na área. Em decorrência, há uma rotatividade desses profissionais, o que dificulta o investimento do próprio profissional em sua área de atuação.

2. Quanto ao conhecimento sobre a prevenção de afogamentos durante a formação acadêmica



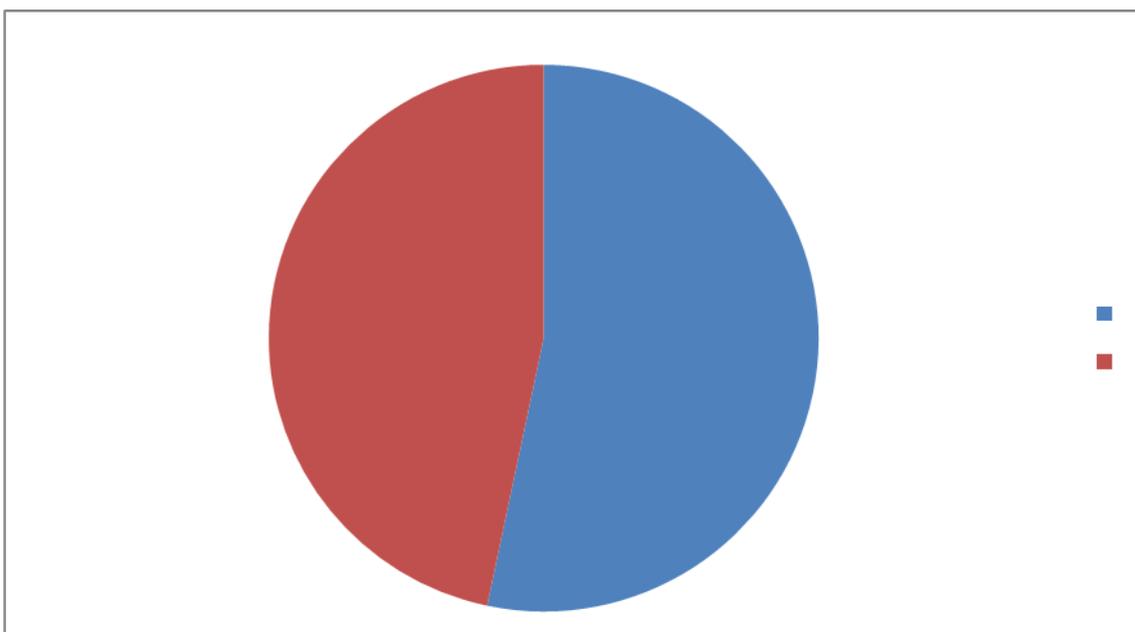
Quando questionados sobre o conhecimento da temática abordado durante o período de formação acadêmica, 60% dos entrevistados afirmaram ter recebido informações sobre prevenção de afogamento. Essa informação corrobora a proposta que se apresentou nesse trabalho de que o conteúdo “Afogamento, Prevenção e Salvamento” deve compor a ementa e o plano de ensino da disciplina de Natação/Práticas Corporais Aquáticas dos cursos de Educação Física, pois assim haveria a obrigatoriedade de todos trabalharem com o tema. Quando se tem consciência dos índices de afogamentos, quando se conhece as práticas de prevenção e de salvamento durante a formação acadêmica, leva-se, para a vida profissional, a responsabilidade social em

apresentar o assunto em todos os ambientes, sendo eles educacionais ou não, mas principalmente, durante as aulas de natação.

De acordo com o Boletim Brasil intitulado “AFOGAMENTOS O que está acontecendo?” (SOBRASA, 2014) “a educação é o alicerce para redução dos índices de afogamento, para isso é preciso que todo professor de Educação Física tenha conhecimento sobre o tema”. Por conseguinte, faz-se imprescindível que seja obrigatório o tratamento do conteúdo sugerido durante a formação acadêmica.

Dentre os entrevistados que afirmaram ter recebido informações sobre prevenção de afogamentos durante o curso de Educação Física, um afirma que “uma das formas de prevenir o afogamento seria a postura do professor em aula, priorizando sempre a segurança do aluno”. Outro, participante do grupo que diz não ter recebido tais informações durante a graduação, salienta que “infelizmente não, gostaria de ter tido, mas não tive nada relacionado com o assunto”.

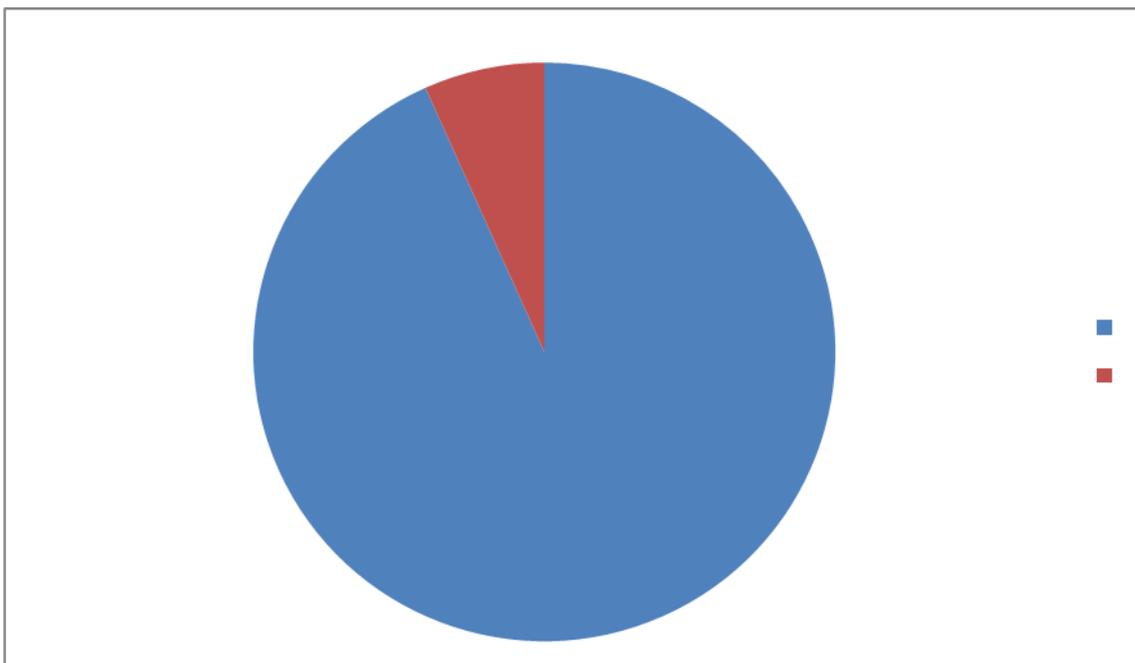
3. Quanto ao conhecimento sobre instruções de salvamento aquático durante a formação acadêmica



Essa categoria obteve os valores mais próximos, permitindo a ocorrência de um diálogo com as respostas da categoria 01, visto que dentre aqueles que afirmaram ter recebido informações sobre prevenção de afogamentos, alguns receberam instruções sobre salvamento aquático e outros não. Isso corrobora para a necessidade da reorganização curricular da disciplina de Natação, tornando-se obrigatória a inserção do conteúdo “Afogamento, Prevenção e Salvamento” a fim de possibilitar que todos os acadêmicos de Educação Física recebam as informações e os conhecimentos necessários para construção de habilidades e competências para a atuação enquanto docentes que dão ênfase ao ensino da natação utilitária.

Outro dado interessante nessa categoria é que entre os 07 (sete) entrevistados que afirmaram não ter recebido instruções de salvamento aquático, quatro dizem ter feito capacitação nessa área após a graduação, o que ratifica a importância da temática na atuação do professor de Educação Física com a natação. Um deles relata “Durante a faculdade fiz cursos diversos sobre natação, mas nenhum focado com qualquer abordagem sobre salvamento aquático. Depois de formado fiz duas capacitações sobre isso”.

4. Quanto à preocupação em transmitir informações sobre prevenção de afogamentos e salvamento aquático aos alunos de natação



Quando questionados 93,3% dos entrevistados admitem ter preocupação em transmitir informações sobre prevenção de afogamentos e salvamento aquático aos alunos de natação.

“Tenho e muita! Natação hoje para mim não é apenas crawl ou só pernada. A morte por afogamento vem crescendo muito a cada dia; temos que incentivar a segurança e ensinar como lidar com situações de riscos. Com o mínimo de conhecimento qualquer pessoa pode evitar um acidente.” **(Depoimento de um dos entrevistados)**

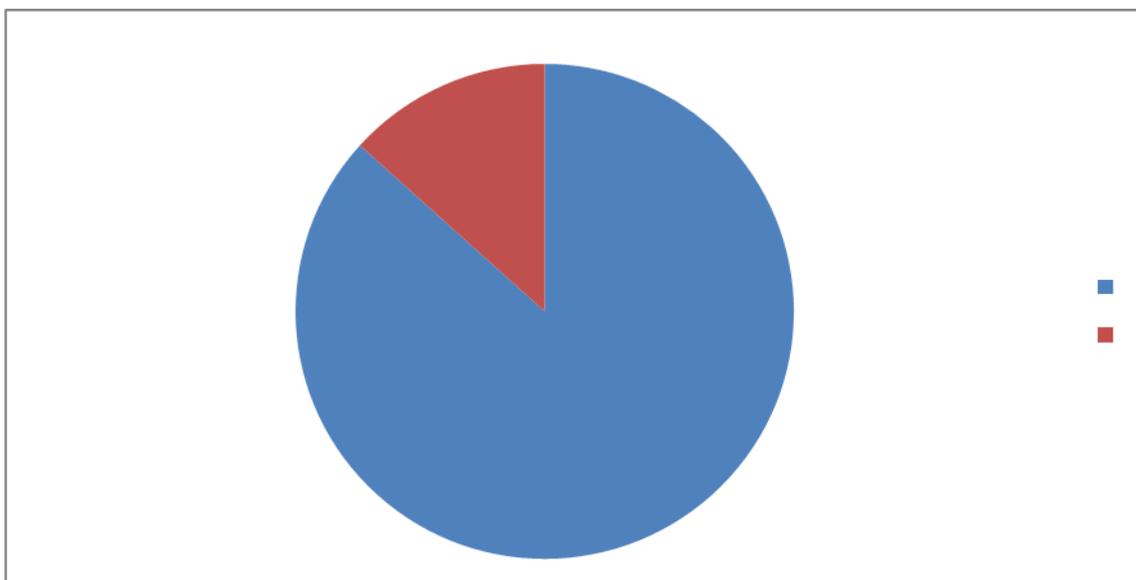
O relato desse entrevistado aponta a importância da natação utilitária na prevenção de afogamentos e também demonstra que a preocupação com a temática é inerente a todos os que trabalham com a natação.

Construir as habilidades e as competências indispensáveis para atuar com a natação utilitária na prevenção de afogamentos e salvamento aquático é, sem dúvida, uma responsabilidade da academia ou das escolas que oferecem a modalidade como um dos serviços a serem prestados. Se a intervenção no mundo é um dos papéis sociais da educação, cabe a academia e às instituições de ensino munir seus educandos com conhecimentos e práticas que, quando utilizados, ajudam a diminuir os alarmantes números de mortalidade por afogamentos.

A natação utilitária é uma solução simples e possível que pode evitar “custo humano, econômico e social” como afirma o Boletim Brasil intitulado “AFOGAMENTOS O que está acontecendo?” (SOBRASA, 2014).

Vale ressaltar que o único entrevistado que respondeu negativamente a essa categoria justificou que não se preocupa em transmitir informações sobre prevenção de afogamento e salvamento aquático para seus alunos por considerar que no trabalho executado não existe essa necessidade; porém, não o especificou.

5. Quanto à vivência de nados utilitários nas aulas de natação



A maioria das respostas independente de serem positivas ou negativas restringiu-se ao sim ou não, o que nos impede de avaliar se as atividades desenvolvidas caracterizam-se mesmo como nado utilitário. Tal afirmação se faz pertinente porque dois entrevistados responderam “Nados crawl, costas e peito”, quando perguntados sobre a vivência dos nados utilitários.

De qualquer forma, 86,7% dos entrevistados disseram que os nados utilitários são vivenciados em suas aulas. Um deles diz que utiliza o nado utilitário, “pois aumenta o repertório motor do aluno tendo mais domínio no meio líquido”.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados e do levantamento de referenciais teóricos que embasaram este estudo, tornou-se perceptível que as dificuldades em criarem ações preventivas para minimizar os óbitos e os afogamentos não fatais têm um vínculo relacionado à escassa produção de conhecimento nessa área; visto que, grande parte dos artigos e bibliografias foi escrita pelo mesmo autor, Szpilman, ou grupo de autores. Outro ponto relevante a ser considerado diz respeito à quase inexistência de estudos que relacionem a Educação Física à prevenção de afogamentos, utilizando-se da natação utilitária ou de ações que levem os acadêmicos à conscientização no período de formação inicial em cursos de licenciatura e bacharelado.

Conhecendo mais profundamente sobre afogamento, classificação e caracterização, percebe-se que o problema é imenso, real e impinge vítimas, famílias e sociedade, psicológica e financeiramente. Por ter impacto social, precisa, então, que a academia assuma a responsabilidade de tratar cientificamente o tema, levando-o para a sala de aula, com o propósito de alertar e preparar os futuros profissionais da Educação Física que atuarão no nível básico da educação. É uma formação em rede, a Universidade forma seus graduandos que, posteriormente, formarão os alunos da Educação Básica e, assim, faz-se que a informação seja perpetuada. Como diz Paulo Freire (1996, p.23), no livro *Pedagogia da Autonomia*: “Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

Certo é que tanto a temática de afogamento quanto a de salvamento exigem formação teórica e prática, para tornar o profissional eficiente e eficaz em sua atuação. Essa formação para ser de oferta qualitativa exigiria uma carga horária extensa e, talvez, seja o motivo da não oferta; mas, poderia a universidade oferecer um curso de pós-graduação na área.

Se a educação é um forte alicerce para a redução do índice de afogamento; tornar-se-ia, pois, imprescindível democratizar o acesso à prática educativa da natação na educação básica, principalmente, nas escolas públicas onde há atendimento de grande parte de pessoas em idade escolar.

Por se saber das inúmeras dificuldades para que essa solução seja viabilizada, outra saída sugerida é a reorganização curricular da disciplina de Natação/ Práticas Corporais Aquáticas no curso de Educação Física, com a inserção do conteúdo “Afogamento, Prevenção e Salvamento”.

Seja qual for à decisão, levar o ensino de natação à educação básica, ofertar a pós-graduação na área ou reorganizar a disciplina na academia para inserção desse conteúdo, o fato é que uma medida tem que ser tomada com a intenção clara de reduzir os índices de afogamento.

11.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATTEAU, R.; GAROFF, G. **O ensino da natação**. 3ªed. São Paulo: Manole, 1990.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DE ALAGOAS. **Material de Instrução: Salvamento Aquático**. Alagoas. Disponível em: http://www.cfpbm2007.xpg.com.br/Material_de_instrucao/salvamento_aquatico/SALVAMENTO_AQUATICO.pdf Acesso em 03 de Dez. 2015

CORRÊA, C. R. F.; MASSAUD, M. G; **Natação na pré-escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

CORREIA, R. B.; NUNES, J. C. **Análises das possibilidades de intervenção do professor de Educação Física, como ação preventiva em acidentes de afogamentos em espaços de lazer e aprendizagem: Uma Revisão Bibliográfica**. Artigo Monográfico (TCC – Curso de Educação Física)Universidade Estadual da Paraíba, 2014. Disponível em: Acesso em 01 de Mar. 2016.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GABILAN et al., **Fisioterapia aquática para a reabilitação vestibular**. Acta ORL, v. 24, p. 23-28, São Paulo, 2006.

GUAIANO, Osni Pinto. **Relação cursos de extensão universitária e salvamento aquático na prevenção do afogamento**. In: CONGRESSO REGIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E SEMANA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO UIRAPURU SUPERIOR, 2., 4., 2005, Sorocaba. **Anais...** São Paulo: Nepece/Uirapuru Superior, 2005. p. 28. Disponível em: <http://www.sobrasa.org/biblioteca/RelCEUSAnaPrevDoAfogSOROCABA2005.pdf> Acesso em 01 de Mar. 2016.

GUAIANO. O. P. **O emprego dos elementos do surf no salvamento aquático**: concepções de professores e alunos do curso de graduação em educação Física. 2005. 137 f. Monografia (licenciatura plena em Educação Física). Faculdades Integradas de Guarulhos e Universidade Paulista, Bauru, São Paulo, 2005.

GUAIANO, O. P. **Teoria de controle do afogamento**. In: congresso de ciências do desporto e de educação física dos países de língua portuguesa, 2004, Porto. Revista Portuguesa de Ciência do Desporto, vol. 4, n. 2., Set. 2004. (suplemento). Portugal: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 2004.

GUARÁ, Maria F. Rosa. **É imprescindível educar integralmente**. Cadernos CENPEC: Educação Integral, São Paulo, n. 2, p. 15-24, 2006.

LUCKESI, Cipriano. **LUDICIDADE E ATIVIDADES LÚDICAS: uma abordagem a partir da experiência interna**. 2005. Disponível em: www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm Acesso em 02 de Mar. 2016.

MACHADO, D. C; **Metodologia da natação**. São Paulo: EPU, 1978.

PALMER, M. L. A; **Ciência do ensino da natação**. São Paulo: Manole, 1990.

SANTANA, V. S.; TAVARES, M. da. C. F.; SANTANA, V. E. **Nadar com segurança: prevenção de afogamentos, técnicas de sobrevivência, adaptação ao meio líquido e resgate e salvamento aquático**. Barueri, SP: Manole, 2003.

SOBOLEV, N A; FOMTCHENKO, T. G. **Natação, "nado borboleta"** tradução António Carlos Gomes; adaptação Oscar Amaur. Erichsen. Londrina: Centro de Informações Desportivas; 1995.

SOBRASA. **Manual piscina+segura - programa de qualidade em segurança** (versão 29 de Maio de 2014) Disponível em: http://www.sobrasa.org/new_sobrasa/arquivos/piscina+segura/manual_certificador_instalador_proprietario_PISCINA+SEGURA.pdf Acesso em 3 de DEZ. 2015

SZPILMAN, D. **Afogamento: tragédia sem atenção**. Artigo traduzido e resumido do original publicado em 26 de maio de 2012, na revista médica "New England Journal of Medicine". Disponível em:

http://www.sobrasa.org/biblioteca/Artigo_Afogamento%20Szpilman%20NEJM%202012%20traduzido.pdf. Acesso em 30 de Nov. 2015.

SZPILMAN, D. **Afogamentos, o que esta acontecendo?**. Disponível em: http://www.sobrasa.org/new_sobrasa/arquivos/Perfil_2014/AFOGAMENTOS_Boletim_Brasil_2014.pdf. Acesso em 28 de Nov. 2015.

SZPILMAN, D. **Afogamentos e incidentes aquáticos**, informativo epidemiológico – Avaliação no Brasil – ano 2011 Disponível em: http://www.sobrasa.org/new_sobrasa/arquivos/perfil_2013/Perfil_do_afogamento_no_Brasil_2011_Nov_2013.pdfAcesso em 30 de Nov. 2015.

SZPILMAN, D. **Manual Emergências Aquáticas Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático**, versão dezembro 2013– Disponível em: http://www.sobrasa.org/new_sobrasa/arquivos/perfil_2013/Perfil_do_afogamento_no_Brasil_2011_Nov_2013.pdfAcesso em 28 de Nov. 2015.

SZPILMAN, D. **Afogamento – ACLS**, versão setembro de 2002 – Disponível em: http://www.szpilman.com/biblioteca/afogamento/texto_afogamento_avancado.htm Acesso em 07 de Dez. 2015.

SZPILMAN, D. **História do Salvamento Aquático no Mundo** – Disponível em: http://www.szpilman.com/historia/historia_salvamento_mundo.htmAcesso em 07 de Dez. 2015.

SZPILMAN, D. **Afogamento (texto para guarda-vidas e profissionais da área aquática)** – Disponível em: http://www.szpilman.com/biblioteca/afogamento/texto_afogamento_basico.htm Acesso em 07 de Dez. 2015.

VASCONCELOS, M. B; SANTOS, R. O. **Um estudo sobre o ensino do auto-salvamento nas aulas de natação para crianças de 4 a 6 anos, como conteúdo auxiliar na prevenção de afogamentos**. Artigo Monográfico (Pós Graduação Latu Sensu em Natação e Hidroginástica) FACULDADES INTEGRADAS MARIA THEREZA, Rio de Janeiro, 2004.

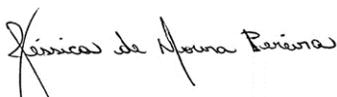
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**O PAPEL ESSENCIAL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
PREVENÇÃO DE AFOGAMENTOS**

Trabalho apresentado para obtenção do título de
Licenciado(a) em Educação Física pela
Universidade Federal de Goiás, sob orientação
do professor Jéssica De Moura Pereira.

Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.

Goiânia, março de 2016



Prof/a. (orientador/a)

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS MONOGRAFIAS
 ELETRÔNICAS REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DE MONOGRAFIAS DA UFG – RIUFG**

1. Identificação do material bibliográfico monografia:

Graduação Especialização

2. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso

Autor (a):	Igor Madureira de Assis
E-mail:	igormadureirassis@gmail.com
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Título:	O papel essencial do profissional de Educação Física na prevenção de afogamentos
Palavras-chave:	Afogamento – Salvamento – Prevenção – Natação – Profissional de Educação Física.
Título em outra língua:	The essence of the professional role of Physical Education in preventing drownings
Palavras-chave em outra língua:	Drowning - Rescue - Prevention - Swimming - Professional Physical Education .
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	25/02/2016
Graduação/Curso Especialização:	Educação Física/ Licenciatura
Orientador (a)*:	Jéssica Moura Pereira

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

Termo de autorização

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional de Monografias da UFG (RIUFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? () Sim (X) Não

Permitir modificações em sua obra?

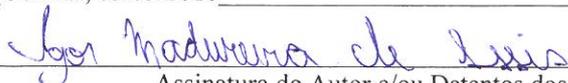
() Sim

() Sim, contanto que outros compartilhem pela mesma licença .

(X) Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Local e Data _____ Goiânia, 03/03/2016 _____



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais